



UNIVERSIDADE FEDERAL RURAL DE PERNAMBUCO  
BACHARELADO EM AGROECOLOGIA

Thiago Moura dos Santos

**Do percurso pela campesinidade ancestral as vivências do  
camponês-urbano**

Recife, PE

2024

Thiago Moura dos Santos

**Do percurso pela campesinidade ancestral as vivências do  
camponês-urbano**

Trabalho de Conclusão de Curso na forma de Memorial submetido ao Bacharelado em Agroecologia da Universidade Federal Rural de Pernambuco, como requisito parcial para a obtenção do título de Bacharel em Agroecologia.

Orientador: Prof. Dr. José Nunes da Silva

Recife/PE

2024

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação  
Universidade Federal Rural de Pernambuco  
Sistema Integrado de Bibliotecas  
Gerada automaticamente, mediante os dados fornecidos pelo(a) autor(a)

---

S237p Santos, Thiago Moura dos Santos  
Do percurso pela campesinidade ancestral as vivências do camponês-urbano / Thiago Moura dos Santos Santos. - 2024.  
43 f.

Orientador: Jose Nunes.  
Inclui referências.

Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação) - Universidade Federal Rural de Pernambuco, Bacharelado em Agroecologia, Recife, 2024.

1. Agroecologia. 2. Transição agroecológica. 3. Agricultura urbana. 4. Ancestralidade. I. Nunes, Jose, orient. II. Título

CDD 630.2745

---

Thiago Moura dos Santos

**Do percurso pela campesinidade ancestral as vivências do  
camponês-urbano**

Este Trabalho de Conclusão de Curso foi julgado adequado para obtenção do título de bacharel e aprovado em sua forma final pelo Curso de Bacharelado em Agroecologia.

Recife/PE, 08 de março de 2024.

**Coordenação do Curso:**

Profª Drª Maria Virgínia de Almeida Aguiar

**Banca examinadora:**

Profº Dr. José Nunes da Silva (Orientador)  
BACEP/UFRPE

Profª Drª Gilvânia de Oliveira Silva de Vasconcelos  
BACEP/UFRPE

Profª Drª Ana Claudia de Lima Silva  
BACEP/UFRPE

Recife/PE, 2024.

Dedico este trabalho a minha Tia Cleonice Moura (Coita) (*in memoriam*), mulher camponesa que me inspirou e fortaleceu para seguir no caminho da Agroecologia.

Dedico este trabalho também ao meu amigo de turma do BACEP, um guerrilheiro urbano da arte urbana e da luta, Gabriel Felipe (*in memoriam*). Dedico também ao artista visual Erisson Luiz (*in memoriam*) meu sogro que sempre me incentivou nos caminhos das artes e do espírito livre.

## **AGRADECIMENTOS**

Agradeço ao meu orientador, José Nunes, por ser um educador inspirador e sempre disposto a ajudar. Agradeço a Josias Pedro (Jó), o camponês caranguejo da Ilha de Deus que me acolheu e me apresentou as possibilidades de se relacionar com a ancestralidade camponesa no espaço urbano. Aos meus amigos de curso que sempre foram também meus professores de primeira hora. À professora Joana Lessa por ter sido minha orientadora no projeto de extensão. Ao professor Jorge Tavares pelo texto Camponês Caranguejo, que foi a virada de chave na minha trajetória acadêmica. Agradeço a minha família, ao meu pai e à minha mãe, pelo apoio de toda a vida. À minha esposa Inana, por ter me fortalecido e por ter me apoiado no caminho acadêmico, estando sempre ao meu lado nos momentos mais difíceis. Ao meu filho, Lírio, por me fazer querer viver cada segundo da minha vida.



O mais importante, e bonito, do mundo é isto: que as pessoas não estão sempre iguais, ainda não foram terminadas, mas que elas vão sempre mudando. Afinam ou desafinam, verdade maior. É o que a vida me ensinou. (GUIMARÃES ROSA, 1976, p. 20)



## RESUMO

O presente trabalho se trata de um memorial que contém um resumo das memórias da minha trajetória enquanto estudante do bacharelado em Agroecologia na UFRPE. Está dividido pelos períodos do curso e em cada um deles, descrevo as experiências principais que tive no curso, em paralelo com os principais temas que foram trabalhados em cada período e que também foram os mais significativos para mim. No trabalho, reflito principalmente sobre a minha origem e trajetória, guiada por minha ancestralidade camponesa até o contexto de atuação no espaço urbano e a busca pelo retorno ao território ancestral. As dificuldades, adaptações e o processo da minha transição agroecológica que está acontecendo. No decorrer do trabalho também cito as aprendizagens que adquiri nas mais diversas instâncias associadas a Universidade, na extensão, nos estágios obrigatórios e não obrigatórios e as possibilidades futuras para minha trajetória profissional.

**Palavras-chave:** ancestralidade; transição; agroecológica; urbano;

## **ABSTRACT**

This work is a memorial that contains a summary of the memories of my career as a bachelor's student in Agroecology at UFRPE. It is divided into the course periods and in each of them, I describe the main experiences I had on the course in parallel to the main themes that were worked on in each period and which were also the most significant for me. At work, I reflect mainly on my trajectory from my peasant ancestry to the context of working in urban spaces and the search for a return to ancestral territory. The difficulties, adaptations and the process of my agroecological transition that is happening. In the course of the work I also mention the learning I acquired in the most diverse instances associated with the University, in extension, in mandatory and non-mandatory internships and future possibilities for my professional career.

**Keywords:** ancestry; transition; agroecological; urban;



## SUMÁRIO

<b>1</b>	<b>INTRODUÇÃO</b>	<b>16</b>
<b>1.1</b>	<b>THIAGO MOURA: DO PERCURSO PELA CAMPESINIDADE ANCESTRAL AS VIVÊNCIAS DO CAMPONÊS - URBANO</b>	
<b>2.</b>	<b>PELAS ESTAÇÕES DO TREM DO BACEP: MEMÓRIAS, APRENDIZADOS E DESAFIOS</b>	<b>19</b>
<b>3</b>	<b>1º PERÍODO: CONHECER O ETNOAGROECOSSISTEMA A PARTIR DAS RELAÇÕES COM A AGROECOLOGIA</b>	<b>19</b>
<b>4</b>	<b>2º PERÍODO: SUBJETIVIDADES, DESCAMPESINAÇÃO, RECAMPESINAÇÃO, AS PLANTAS E OS PORQUÊS</b>	<b>22</b>
<b>5</b>	<b>3º PERÍODO: IMERSÃO REMOTA NOS SERTÕES E TERRITÓRIO ADOTADO ILHA DE DEUS RECIFE APLICANDO A D.R.P.- PROJETO DE EXTENSÃO</b>	<b>25</b>
<b>6.</b>	<b>4º PERÍODO: PLANEJAMENTO E AÇÃO NO ETNOAGROSISTEMA</b>	<b>28</b>
<b>7.</b>	<b>5º PERÍODO: AÇÃO NO AGROECOSSISTEMA</b>	<b>30</b>
<b>8.</b>	<b>6º PERÍODO: IMERSÃO PRESENCIAL AO SERTÃO DO PAJEÚ E NO SERTÃO DE ARARIPE</b>	<b>34</b>
<b>9.</b>	<b>7º PERÍODO: IMERSÃO PRESENCIAL EM RECIFE</b>	<b>37</b>
<b>10.</b>	<b>8º PERÍODO: IMERSÃO NO SERTÃO DE SÃO FRANCISCO E NO SERTÃO DE CRATEÚS E EQUIPARAÇÃO DE ESTÁGIO ESO 2</b>	<b>39</b>
	<b>CONSIDERAÇÕES FINAIS</b>	<b>43</b>
	<b>REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS</b>	<b>46</b>

## **LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS**

SERTA Serviço de tecnologia alternativa  
UFRPE Universidade Federal Rural de Pernambuco  
ENEM Exame nacional de ensino médio  
SEAU Secretaria executiva de agricultura urbana  
PE Pernambuco  
CPT Comissão pastoral da Terra  
CBA Congresso brasileiro de Agroecologia  
PANC Parte alimentar não convencional  
PLE Período letivo especial  
AVA Ambiente virtual de aprendizagem  
E.F.A Escola familiar agrícola  
PAA Programa de aquisição de alimentos  
PNAE Programa nacional de alimentação escolar  
BEXT Programa de bolsas de extensão  
CONEX Congresso de extensão  
DRP Diagnóstico rural participativo  
FOFA Fortalezas, oportunidades, fraquezas e  
ONG Organização não governamental  
MTST Movimento dos trabalhadores sem teto  
CPT Comissão pastoral da terra  
MST Movimento dos sem terra  
SAF Sistema agroflorestal  
CAPS Centros de assistência psicossocial  
PROExC Pró-Reitoria de Extensão, Cultura e Cidadania – PROExC  
Eso Estágio supervisionado obrigatório  
NAC Núcleo de agroecologia e campesinato  
EMBRAPA Empresa brasileira de pesquisas agrárias

## **1 INTRODUÇÃO**

O presente escrito registra uma síntese de memórias que eu, formando, julguei mais importante para o meu processo de autoconstrução e minha trajetória no Bacharelado em Agroecologia. Assim este memorial está organizado em três partes: uma resumida autobiografia; uma linha do tempo sobre os aprendizados e desafios vivenciados nesse curso e, por fim, eu trouxe à tona os temas que eu julguei mais relevantes na minha história como, conflitos sócio ambientais, racionalidades camponesas, feminismo e agricultura urbana.

Para escrever o presente Memorial eu fiz uso dos estudos sobre sistematização que tive ao longo do curso. Eu fiz buscas em meus arquivos pessoais, drive, google docs, diálogos com meus colegas de turma. A atividade feita em sala de aula do trem do BACEP que sistematizou as principais temáticas trabalhadas em cada período também me ajudou a escrever o presente memorial.

Vasculhei meus antigos relatórios e trabalhos no geral, vídeos que gravei durante as imersões e os materiais no google classroom disponibilizados pelas/os professoras/es, reli algumas bibliografias que foram recomendadas pelas/os professoras/es e as que também fizeram mais sentido para minha trajetória e atuação.

O memorial é organizado pelos períodos (do 1° ao 8°) e em cada período explico os principais aprendizados que tive, em diálogo com as temáticas trabalhadas durante o curso, imersões, atividades e metodologias usadas pelos professores e as vivências que mais me marcaram. Ao longo de toda essa história no BACEP, vi e vivenciei muito mais coisas do que pude escrever aqui, mas selecionei e resumi as mais importantes para a minha trajetória na agroecologia.

### **1.1 Thiago Moura: do percurso pela campesinidade ancestral as vivências do camponês-urbano**

Aqui escrevo resumidamente minha história de vida, minha ancestralidade e as motivações que me trouxeram para o seio do BACEP, que foram fundamentais para a minha caminhada ao longo do curso.

O sítio Maracajá foi minha primeira experiência camponesa, de relação com a terra. Situado em Frei Miguelinho, terra ancestral dos meus pais que nasceram e se criaram neste interior situado no agreste Setentrional de Pernambuco. Buscando fugir da fome, meu pai foi para São Paulo, assim como muitas outras pessoas do local, tendo em vista que o êxodo rural era muito forte naquele tempo nos anos 1970, 1980. Meu pai voltou, se casou com a minha mãe. Depois de casados, foram para São Paulo e fixaram moradia.

Morávamos em um bairro chamado Parque Figueira Grande que era perigoso e eu vivia sempre em casa sem poder sair, quando criança. O medo era uma constante em São Paulo pois a criminalidade era muito presente, e minha casa chegou a ser assaltada mesmo sendo uma família humilde.

Depois de 35 anos trabalhando em uma cidade estranha e hostil e já tendo 5 filhos, meu pai enfim conseguiu ter a mínima condição de poder voltar para sua terra e ter meios de poder viver no local.

No sítio Maracajá em Frei Miguelinho, existia a agricultura familiar. Meu avô cuidava das vacas, plantava e cuidava dos porcos. Mas toda a família também plantava e trabalhava na roça, ainda que não gostasse. Minha vivência neste lugar foi pautada por beber leite do curral vendo meu avô tira-lo da vaca, a feitura do queijo de manteiga pelas mãos da minha avó Mimosa, levar o gado de um cercado para outro de manhã com meu avô.

A fartura em nossa mesa nos períodos de colheita com o alpendre da cozinha repleto de jerimuns, ou a lona esticada na frente da casa secando as vagens de feijão. Assim como a especial colheita do milho para fazer a comida que eu mais gostava: a pamonha salgada de milho verde.

Ali no sítio estava acontecendo algo que seria objeto de estudo na minha formação em Agroecologia da Universidade Federal Rural de Pernambuco. E hoje com outras lentes, consigo ver o peso da ancestralidade neste processo em que me encontro.

O tempo passou e por conta dos estudos vim morar em Recife para terminar os anos finais do ensino fundamental e o ensino médio. Foi neste período que comecei a me interessar pela música, formei bandas, lancei discos e aprendi a tocar diversos instrumentos de forma autodidata. Posteriormente, iniciei dois cursos de graduação que acabei não concluindo.

As idas e vindas ao Sítio Maracajá eram constantes. Já um pouco mais velho gostava de ir para lá passar temporadas com minha tia Coita, especialmente nos tempos de chuva para poder desfrutar do lindo verde que a caatinga proporciona no inverno.

Conheci a agroecologia enquanto conceito através de amigos que me falaram sobre a agrofloresta e pensei, logicamente, que isso era possível de acontecer no Sítio Maracajá. Comecei a procurar maneiras de me qualificar e entender o que era a tal da agroecologia. Busquei o SERTA (Serviço de Tecnologia Alternativa) a fim de formação na área, mas acabei perdendo as datas da redação para realizar o ingresso.

Foi a primeira vez que vi a real possibilidade de ter alguma formação e poder dar mais credibilidade ao sonho de ter uma vida campesina. Fiquei sabendo que seria aberto o edital para o Bacharelado em Agroecologia na UFRPE, e concentrei as energias para conseguir acessar essa vaga. Fiz o Exame Nacional do Ensino Médio (ENEM) depois de quase oito anos sem estar dentro da universidade.

Conseguí acessar uma vaga e assim dar início aos meus estudos sobre agroecologia. Nesse tempo, já estava morando com minha esposa Inana em Areias, no Recife, na casa que denominamos quintal da capivara por considerarmos nosso espaço um quintal produtivo.

À medida que o tempo passou e o avançar dos estudos no curso, fui abrindo, juntamente com minha família, o leque de possibilidades para se trabalhar com Agroecologia, uma vez que o Sítio Maracajá, naquele momento, se tornou inviável. Em 2019, mesmo ano em que entrei no curso, nasceu nosso filho, Lírio. Em seguida veio a pandemia em 2020, inviabilizando ainda mais nossos planos de morar em Frei Miguelinho.

Nesse meio tempo, produzi várias coisas que fui aprendendo ao longo do curso no meu quintal em Areias na Rua da Capivara. Tendo o privilégio de ter um quintal num bairro extremamente urbano, de casas coladas umas com as outras, quase sem quintais de terra. Então tínhamos esse espaço, e eu cheguei a produzir hortaliças e também fazer compostagem de leira e depois em baldes, fora as plantas medicinais e ornamentais que também plantei.

De Areias à Aldeia: o sonho continua!



## **2. Pelas estações do Trem BACEP: memórias, aprendizados e desafios.**

O território de atuação onde vivenciei as experiências aqui relatadas foi Recife, no bairro de Areias, mas durante o curso também adotei o território da Ilha de Deus para aplicar as ferramentas que eu estava aprendendo, algo sugerido pelas/os professoras/es para os integrantes do território de Recife. A intenção inicialmente era a atuação no território de Frei Miguelinho no Agreste de Pernambuco, minha terra ancestral, mas por motivos diversos que eu já resumidamente expliquei anteriormente, precisei me adequar e atuar no território urbano de Recife. No momento sou estagiário da Secretaria Executiva de Agricultura Urbana - SEAU da Prefeitura do Recife e estou em transição agroecológica para atuar no território de Aldeia, em Camaragibe, na Região Metropolitana do Recife, como apontado acima.

## **3. 1º PERÍODO: CONHECER O ETNOAGROECOSSISTEMA A PARTIR DAS RELAÇÕES COM A AGROECOLOGIA**

No primeiro período foi um momento de introduzir as bases da agroecologia e muitos conceitos que, para mim, até então, eram desconhecidos. A metodologia do primeiro período foi pautada nas ferramentas de imersão à mata sul. Trabalhamos com os mapas do território de cada um, onde pudemos conhecer um pouco do eu camponês dos/as estudantes e assim se familiarizar com cada trajetória. O momento da carta de intenção onde tivemos a oportunidade de escrever todas as nossas motivações para estar ali naquele lugar, naquele momento, o que para mim foi um momento decisivo, pois ainda não sabia se de fato iria para o agreste em Frei Miguelinho ou se continuaria em Recife.

Também tive acesso aos diversos autores da bibliografia do curso e pude expandir o conceito de agroecologia, educação popular e campesinato, os etnoagroecossistemas e seus sistemas agroalimentares, pude aprender mais dos solos e das plantas e das expressões culturais, campesinato, colonialidades. Também neste período começamos a tratar do campesinato e isso abriu minha mente para entender que meus pais eram camponeses que tinham migrado para São Paulo para fugir da seca. Quando eu visitei o território da mata sul me lembrei do meu avô João Moura que cortou cana nesse território nos anos de 1950. Esse

reconhecimento camponês está em sintonia com o pensamento de Wanderley (2009) ao afirmar que

O campesinato, forma política e acadêmica de reconhecimento conceitual de produtores familiares, sempre se constituiu, sob modalidades e intensidades distintas, um ator social da história do Brasil. Em todas as expressões de suas lutas sociais, seja de conquista de espaço e reconhecimento, seja de resistência às ameaças de destruição ao longo do tempo e em espaços diferenciados, prevalece um traço comum que as define como lutas pela condição de protagonistas dos processos sociais (WANDERLEY, 2015, p. 2).

Além do campesinato como conceito, neste primeiro período um dos temas que trabalhamos e que permeou todo o curso e a própria gestão e a organização da atuação dos estudantes foi o conceito de território.

Foi neste momento que também fui orientado pelas/os professoras/es de que eu deveria escolher o território onde eu deveria atuar já que o curso é oferecido sob os fundamentos da pedagogia da alternância, com os tempos de aprendizagens organizados em Vivências-Realidade-Campo (VRC) e Vivências-Universidade (VU) Sendo os saberes da universidade aplicados nos territórios de cada um/a, assim como as vivências -universidade são planejadas a partir das atuações das/os estudantes em seus territórios.

O território é determinante na construção das subjetividades e na visão de mundo do indivíduo. Toda a concepção do curso vem pautada na valorização do território, e da valorização do campesinato e nas potencialidades dos sertões, dos agrestes, da convivência com o semiárido e etc.; e da permanência dos camponeses em seu território, encontrando meios e possibilidades através da agroecologia. Nos termos dos autores citados

No território é que as populações e as comunidades expressam sua materialidade e seu simbolismo, nele “a população constrói sua identidade e seus sentimentos de pertencimento, onde expressa seu patrimônio cultural e define seu destino” (MIRANDA e COSTA, 2005. p.45); é sobre ele que constroem a base social de sua existência, deixando as marcas de sua cultura, expressando assim a relação de pertencimento e de uso/conhecimento do espaço. (ZANELLI e LASCHEFSKI, 2010, p.3)

Aos poucos a agricultura urbana foi sendo inserida nas discussões e debates e o território de Recife foi sendo introduzido, tão rico em sua cultura e em suas manifestações e expressões artísticas, mas, ao mesmo tempo, tão contraditório e

desigual. Tão cheio de particularidades e especificidades, de desafios para o desenvolvimento de uma agricultura de fato política que a agroecologia propõe. E para mim, se tornou um desafio conseguir aplicar a diversidade das ferramentas que víamos e que estávamos aprendendo nas imersões e na vivência-universidade no território de Recife.

Conhecemos muitas experiências diferentes na Mata Sul, mas a que mais me marcou foi a experiência no município de Jaqueira/PE, no Engenho Fervedouro.

Ali fomos apresentados a Seu Zé de Bebé, um morador local que está há 30 anos como morador do engenho e diz que jamais esperava viver um tempo desses novamente. Ele nos falou um pouco sobre os conflitos que vinham acontecendo em Fervedouro por disputa de terras. A Usina Frei Caneca arrendou cerca de 500ha de terras, o que representava mais ou menos 70% da área do município. Dentro desse processo, a usina sub arrendou para uma imobiliária que passou a intensificar as investidas pela tomada da terra. Eles colocam seguranças especializados e armados no local e há relatos de envolvimento com a Polícia Militar.

Esse processo torna-se ainda mais grave pois pode atingir diretamente 71 famílias que já moravam no local há muito tempo. Seu Bebé nos disse que o que eles têm feito, é pedir ajuda a Deus, primeiramente, e se organizar entre si e pedindo ajuda à Comissão Pastoral da Terra (CPT), que vem apoiando a causa e divulgando os acontecimentos. A criação da associação de moradores também foi um marco importante nesse processo de organização social. Havia reuniões mensais onde discutia os acontecimentos da comunidade, mas estavam recuados/as “sem querer bater de frente com esses homens pra não acontecer uma tragédia”.

. Os/as moradores/as ameaçados/as, já havia batido em várias portas e não sabiam mais o que fazer. Sabiam que tinham razão, mas vinham o seu direito ser esmagado.

A CPT diz que eles precisam plantar pois o que segura o camponês na terra é o plantio. Seu Zé de Bebé citou um exemplo que aconteceu em uma comunidade próxima, 1km, Brejinho, Engenho Água Branca. Os moradores estavam passando por um processo semelhante e quando foram tomar as terras da comunidade, perceberam que havia 70% de lavoura plantada e esse fato fez com que eles não pudessem tomar a posse da terra. Em todas as imersões que fomos, sempre presenciamos a disputa pela terra e foi muito difícil ver a lágrima nos olhos de

pequenas/os agricultoras/es, tendo sua terra legítima sendo tomada por políticos e grileiros.

Outra atividade extremamente importante que aconteceu foi o Congresso Brasileiro de Agroecologia (CBA).

Nele, podemos afirmar o senso de comunidade coletiva, onde pessoas de todos os lugares do país estavam pela mesma causa: falar sobre agroecologia. Diversas/os produtoras/es e agricultoras/es familiares, famílias, professoras/es e estudantes, crianças e povos tradicionais.

Estar no ambiente das feiras, conhecer os produtos da agroecologia também me encheu de esperança com a possibilidade futura de ter também meus próprios produtos agroecológicos para comercializar em feiras.

#### **4. 2º PERÍODO: SUBJETIVIDADES, DESCAMPESINAÇÃO, RECAMPESINAÇÃO, AS PLANTAS E OS PORQUÊS**

No segundo período, novamente como ponto de partida, para a aprendizagem tivemos uma imersão à mata norte de Pernambuco onde eu, enquanto estudante de agroecologia, me reconheci no processo de encantamento com as diversas realidades que a agroecologia tem.

A imersão no Sítio Agatha e no Sítio Malokambo nos apresentou locais de auto afirmação do ser e de seu vínculo ancestral com a terra. A arte feita com a terra em forma de barro, transformada pelas mãos dos grandes mestres artesãos de Tracunhaém, onde tivemos a oportunidade de conhecer o mestre Baixinha e entender o processo de apropriação da natureza, transformada em arte pelo camponês e seus diversos saberes.

Um momento que me impactou muito, ainda durante essa imersão, foi no dia da mulher, 08 de março de 2020, em que as mulheres do curso fizeram uma roda momentos antes de adentrarmos o refúgio de vida silvestre águas azuis, aos pés da mata. E começaram a falar suas reflexões, conceitos e conquistas e como era importante e especial para elas, estarem estudando agroecologia. Como a fala de Jaislânia Araújo quando disse que queria conhecer o mundo e que só seus irmãos que tinham moto e ela conquistou sua moto e pode conhecer novos lugares. Também assistimos ao filme *Bacurau* (2019, Kleber Mendonça Filho e Juliano Dornelles) no cinema do museu e tivemos um debate muito rico sobre ele em sala de aula.

O filme contribuiu significativamente para pensar a força do território e da resiliência do povo sertanejo.

No Sítio Agatha pudemos ver a potência feminina na luta da agroecologia pois é um sítio gerido por três gerações de mulheres negras, que foi conquistado através de muita luta debaixo da lona preta e hoje serve de referência de práticas agroecológicas e de educação popular. Tendo mais de 40 espécies de plantas alimentares, frutíferas, PANCS, árvores ancestrais, todas plantadas pelas mãos de Nzinga, Agatha, Luiza e outros parceiros que chegam para contribuir com a experiência.

Essa foi a nossa última imersão antes da pandemia estourar. Assim que voltamos já começou a quarentena e passamos um tempo sem ter aulas presenciais, nem online. Não sabíamos o que viria. Com um governo negacionista e o atraso na compra das vacinas tornou tudo mais incerto sobre a nossa volta às universidades mesmo que com restrições.

Como alternativa e muitos desafios iniciamos os Períodos Letivos Especiais (PLEs). Eram desafios devido às dificuldades do ensino remoto, o acesso aos dispositivos e a uma conexão estável de internet para muitos/as colegas de curso. Mas continuamos seguindo mesmo assim e tivemos aprendizados significativos.

Os temas que trabalhamos neste segundo período foram as subjetividades, relações étnico raciais, o campesinato, as plantas e os porquês, a natureza em movimento, solos, descampesinação e recampesinação.

Descampesinização é entendido como o processo ocorrido em consequência do impacto decorrente da ruptura dos sistemas agrícolas tradicionais, e da erosão das matrizes sócio culturais nas quais estes sistemas estão inseridos, ambos originados da hegemonia de um modelo de desenvolvimento produtivo-urbano-industrial. Na perspectiva da Agroecologia, a Revolução Verde pode ser interpretada como a última fase de um processo massivo de descampesinização, realçando as características de um modo industrial de uso dos recursos naturais, e com predomínio de forte dependência das relações de mercado. Por outro lado, a Agroecologia pode ser entendida como uma estratégia de recampesinização, pois apoia o manejo ecológico dos recursos naturais como forma emergente de desenvolvimento rural, e com características próprias para enfrentar a atual crise ecológica e social (SEVILLA-GUZMÁN, 2003). O processo de recampesinização é compreendido também como “a expressão moderna para a luta por autonomia e sobrevivência em um contexto de dependência” (PLOEG, 2008 apud STRAUCH, 2009, p. 2).

Percebi então, através desse tema, que minha família passou por um processo de descampesinação e que eu estava e estou tentando fazer o processo de recampesinação. Eles migraram do Agreste de Pernambuco para São Paulo,

uma metrópole que reproduz justamente a lógica da dependência das relações de mercado.

Destaco também alguns vídeos como Taco de Terra que mostrou todo o processo que leva os camponeses a perderem a sua cultura e serem presos às condições de trabalho análogo a escravidão em usinas. Me lembrou do meu avô João Moura que também já trabalhou em condições análogas à escravidão no corte da cana de açúcar na Mata Sul.

Sobre as plantas e os porquês estudamos bastante a questão da classificação das plantas que ocorre basicamente através de três processos principais: C3, C4 e CAM, conforme os mecanismos fotossintéticos utilizados. Esse assunto abordado se relaciona com o metabolismo da planta no processo de fotorrespiração.

Eu participei de todos PLEs, eles foram fundamentais para manter a chama da agroecologia acesa entre nós da turma, especialmente para mim, que era tudo muito novo. O PLE aconteceu em três módulos. Neste momento começamos a nos inteirar mais das nomenclaturas que seriam usadas mais adiante. Foi também neste momento do PLE que a coordenação do BACEP percebeu que alguns/mas estudantes, sobretudo os de Recife, estavam perdidos em relação à questão do território e por isso sugeriu que adotássemos um território para nos debruçar sobre o mesmo.

Eu me lembro de atividades de reconhecimento do território, uso de mapas através de ferramentas como o Google Earth. E também lembro de outras atividades relacionadas à análise da nossa pegada ecológica.

A pandemia estava no auge, e não saíamos para nada, só cuidando da casa e do nosso bebê e vivendo com a renda da minha companheira. Nessa época, eu e minha companheira Inana e meu filho Lírio, que ainda era um bebê estávamos vivendo em Areias na rua da capivara. E esse foi um momento que eu fiz mais coisas no meu quintal e colocava algumas fotos, na época no AVA. Também lembro de muitas atividades relacionadas a pensar o consumo alimentar da família, lembro de atividades ligadas ao diário alimentar, por exemplo. Nesta época, plantei macaxeira, inhame e cheguei a fazer uma horta mandala onde plantei rúcula e couve. Um dos momentos no segundo período que mais impactou a minha trajetória do curso foi quando produzi para a culminância do território de Recife o curta *Relute, há fome*. O curta foi muito importante pois foi produzido durante a pandemia da

COVID-19 em um momento que estávamos presos entre muros e grades. E que o Brasil havia voltado para o mapa da fome no mesmo momento em que o país estava batendo recordes na produção de alimentos como soja e feijão.

No curta através da minha narração em off e de imagens que eu mesmo gravei com meu celular eu mostro alimentos no supermercado sendo vendidos a preços exorbitantes, que são vistosos, mas cheios de veneno. E mostro também o meu momento de transição agroecológica de contato com a terra, quebro o concreto, cheiro a terra, tiro a macaxeira da terra em contraposição a apenas comprar os alimentos do supermercado, cheios de agrotóxicos.

### **5. 3º PERÍODO: IMERSÃO REMOTA NOS SERTÕES E TERRITÓRIO ADOTADO ILHA DE DEUS RECIFE APLICANDO A D.R.P.- PROJETO DE EXTENSÃO**

O terceiro período foi desafiador desde o início. Tivemos as expectativas frustradas de ter uma imersão presencial no território sagrado dos sertões das nossas colegas de turma sertanejas pois a covid -19 ainda assolava o mundo e diante de um governo negacionista não conseguimos acessar às vacinas a tempo. E naquele momento, mal sabíamos que demoraria muito mais para termos o imunizante.

Mesmo assim, as sertanejas do nosso curso não baixaram a cabeça e proporcionaram uma belíssima apresentação de seu território. Tivemos a apresentação de membros da equipe da E.F.A (Escola Família Agrícola) que através de um modelo de alternância tem possibilitado à juventude camponesa o seu reconhecimento, sua identidade e sua relação de pertencimento no campo através das práticas da agroecologia.

Através da imersão online conhecemos as casas e os familiares das colegas de curso que foram entrevistados por elas. Alguns/mas camponesas/es e os modos de atuação dos/as estudantes nos seus territórios. Nesse mesmo período, em que estávamos vivenciando tudo isso, o Brasil estava passando por diversos retrocessos com o governo de Jair Bolsonaro. E nesses retrocessos, aconteciam também o avanço no uso dos agrotóxicos que foram liberados diversos tipos até então proibidos no país e que já eram proibidos em diversos outros países. Além disso, o agronegócio ganhou mais força devido à relação do então governo com a bancada ruralista.

Foi visto também no depoimento de alguns/mas agricultores/as durante a imersão como estava difícil se manter sem os incentivos para a agricultura familiar,

como o Programa de Aquisição de Alimentos (PAA) e o Programa Nacional de Alimentação Escolar (PNAE) congelados no então governo.

No terceiro período, o grupo do território de Recife foi orientado a se debruçar sobre experiências camponesas no território urbano por precisarem de uma experiência agroecológica mais ativa para aplicar os conhecimentos que estávamos aprendendo no curso. A minha experiência se tornou, portanto, além desta forma de aplicar o que estávamos aprendendo na Universidade, um projeto de extensão intitulado: “Territórios vivos: agriculturando a cidade de Recife”, que foi submetido e aprovado no Edital de Bolsas de Extensão (BEXT-UFRPE) e, sobre o qual, eu apresentei os resultados no Congresso de Extensão da UFRPE (CONEX-UFRPE), onde recebi inúmeros elogios.

Parte de minha experiência no território do Recife realizou-se na Ilha de Deus. Essa experiência na Ilha de Deus foi riquíssima para mim, representou um dos momentos de encantamento da agroecologia mais significativos que tive durante o curso. O local da troca de saberes foi o Sítio Jamaquinha de Josias, que vive com sua esposa Katusha e com sua filha Helena. Josias é um homem inspirador que criou sua própria ilha a partir de vários aterramentos, com pouca escolaridade formal, mas que detém grande conhecimento sobre objetos que a agroecologia também observa.

Durante meu período de imersão na Ilha de Deus o conceito mais fundamental ao qual tive contato foi trazido por Jorge Tavares (2021) num texto infelizmente ainda não publicado, intitulado Camponês Caranguejo, compartilhado um pouco antes do começo de minha vivência e que, até hoje me serve de apoio para essa reflexão. Ele joga luz sobre essa discussão dos traços camponeses dentro da cidade, apontando para um urbano que muitas vezes veio do interior fugindo de alguma condição que o impedisse de continuar em seu local de origem.

Há muitas formas de camponeses. Na maioria das vezes buscamos o singular: Camponês. No entanto, devemos considerar a perspectiva plural: camponeses. Depende da cultura, portanto do lugar, do ambiente, da história, das condições que possuem, por exemplo ter terra ou não, morar na cidade ou não, e assim por diante. O que caracteriza os camponeses é sua cosmovisão e racionalidade. Que implica ter o foco, na reprodução social da família, principalmente por viverem em uma economia da escassez, poucos recursos, poucas oportunidades (TAVARES, 2021, p. 4)

Através deste texto pude perceber Josias como um camponês caranguejo que tem seus traços camponeses, mas vivendo em território urbano. Vivendo da



criação do camarão, de forma ainda muito rústica, sem tratar o processo com muitas intervenções da piscicultura tradicional, à exceção das pós-larvas que eram compradas. Vivendo numa relação extremamente forte com sua comunidade, de pertencimento e orgulho, sempre distribuindo frutas do seu sítio e facilitando a venda do camarão para pessoas do local revenderem.

Josias não tem a ambição de produzir em larga escala seu produto, sabe dos impactos que a abertura de outros tanques poderia causar no local, tem por base cobrar um preço justo por seu camarão. Preza por estar em intercâmbio constante com a natureza. Todos esses traços são parte de uma racionalidade camponesa encontrada em Josias e outras como a cosmovisão de um homem caranguejo que está na lama vivendo dela e precisa dela para sobreviver assim como o animal.

Esse respeito e entendimento quase sagrado do espaço que se relaciona também é uma particularidade de um camponês. Aspectos como: Auto suficiência, Força de trabalho Familiar e/ou comunitária Cosmovisão da natureza, diversidade, consciência ecológica, amor pela terra, conflitos pela terra, são alguns comportamentos que foram vistos por mim na Ilha de Deus e que se interseccionam com o modo de vidas de mulheres e homens do campo.

A água, principal insumo, vem dos processos naturais de maré alta e baixa que inundam os tanques e a partir dos sistemas de comportas essa água é represada a fim de que seja adequada para a criação do camarão. Josias tem o conhecimento apurado dos movimentos das águas e sabe com precisão que horas a maré vai encher ou estar vazia. Planeja seu trabalho a partir da observação do tempo/clima. Assim como se o dia vai ser bom de trabalho pela qualidade da água.

São diversas formas de observação e conhecimento empírico e popular que formaram ao longo do tempo a expertise desse aquicultor que entende como funciona seu sistema, assim como também um agricultor familiar sabe se o ano será bom de chuvas a partir de observações que se baseiam no saber popular e no conhecimento de causa.

De acordo com Victor M. Toledo: “Cada cultura ou civilização constrói uma imagem diferente da sua natureza, percebe de maneira distinta os bens ou riquezas presentes nela e, conseqüentemente, adota uma estratégia particular de seu uso (ou desuso)” (TOLEDO, 2006, p. 1)

Dessa forma, Josias tem seu modo de apropriação da natureza que interfere diretamente no seu trabalho. Sua consciência ambiental e sua noção do estrago que a poluição traz para seu sistema, molda sua estratégia de agir.

A relação da Ilha de Deus com a temática dos conflitos ambientais trabalhada no terceiro período foi direta. Pois se trata de uma área de constante disputa de território e sob constante ameaça da especulação imobiliária devido a proximidade da ilha com o complexo do Shopping Riomar. Além da poluição dos mangues, que tem impacto direto na relação da ilha com a própria subsistência e sua cultura pesqueira.

No território da Ilha de Deus pude levar para que Josias aplicasse as diversas técnicas de diagnóstico do sistema (DRP) que foi um dos temas trabalhados no terceiro período, como mapas falados, árvore de problemas, F.O.F.A (Fraquezas, Oportunidades, Fortalezas e Ameaças) e diversas outras.

O Diagnóstico Rural Participativo (DRP) é um conjunto de técnicas e ferramentas que permite que as comunidades façam o seu próprio diagnóstico e a partir daí comecem a autogerenciar o seu planejamento e desenvolvimento. Desta maneira, os participantes poderão compartilhar experiências e analisar os seus conhecimentos, a fim de melhorar as suas habilidades de planejamento e ação. Embora originariamente tenham sido concebidas para zonas rurais, muitas das técnicas do DRP podem ser utilizadas igualmente em comunidades urbanas. (VERDEJO, 2006, p. 6)

Pude acompanhar de perto a criação do camarão, e toda a tranquilidade de Josias, dono do seu tempo e produtor do seu próprio sustento e sua boa vontade e abertura para aprender novos conhecimentos e saberes para aplicar à sua realidade.

#### **6. 4º PERÍODO: PLANEJAMENTO E AÇÃO NO ETNOAGROSISTEMA**

Neste período voltamos presencialmente a termos a nossa vivência universidade, mas ainda sob os cuidados, como o uso de máscaras e álcool em gel, para higienizar as mãos. A vacina já começava a ser distribuída. Foi um período que manteve a metodologias de trabalho já usadas em períodos anteriores. Mas que desdobrou novas ferramentas de DRP e propôs o redesenho do agroecossistema. Comecei a desempenhar de fato a função de um agroecólogo, me enxergando como tal, quando tive a possibilidade de planejar e intensifiquei a minha ação participativa

no território através do DRP. O trabalho na Ilha de Deus continuou firme e forte no quarto período, tendo sido neste local todo o desenvolver deste período.

O redesenho do agroecossistema consiste na flexibilidade de repensar em novos modelos para o sistema, mesmo que ele esteja sendo produtivo. É o momento onde se cria a consciência de que o etnoagroecossistema está sempre em mudança, seja ela pelos sonhos ou desejos da família, seja pela necessidade do aumento ou diminuição da produção, fatores exógenos ao sistema, como fatores climáticos e sócio ambientais, dentre outras. Foi o momento de repensar como melhorar o território em que eu estava trabalhando, na Ilha de Deus.

A integração animal e vegetal que foi um dos temas desse período que também merece destaque, pois a criação animal no sistema que estava estudando é a principal atividade. Mas, como o aquicultor familiar Josias, não produzia a própria ração a partir dos insumos vegetais de sua propriedade, tive que adaptar o estudo que era proposto no momento, e mais voltado para a criação no campo, no meio rural.

Foi observado que a relação que Josias tem em seu sistema de criação de camarão para alimentar a sua principal criação não era a ração, mas a própria fertilidade disponível nas águas dos manguezais do entorno da propriedade, prática não comum dos criadores da região pois estes trabalham a alimentação animal com ração industrializada. Josias faz isso pois sabe o desequilíbrio que causa mantendo hábitos de produção antiecológica influenciando diretamente na qualidade do seu camarão.

Me debrucei um pouco mais para entender a participação dos movimentos sociais e suas influências na ilha, como o Caranguejo Uçá e o Saber Viver. Ambas são organizações comunitárias não-governamentais, atuantes para fortalecer o protagonismo e a identidade da população local. A própria Ilha de Deus é território de luta tendo as mulheres um lugar de destaque nesse processo sendo as responsáveis pela transformação da ponte que dá acesso à Ilha intitulada por esse motivo de vitória das mulheres. Nos termos de Maria da Glória Gohn

Ações sociais coletivas de caráter socio-político e cultural que viabilizam formas distintas de a população se organizar e expressar suas demandas (cf. Gohn, 2008). Na ação concreta, essas formas adotam diferentes estratégias que variam da simples denúncia, passando pela pressão direta (mobilizações, marchas, concentrações, passeatas, distúrbios à ordem constituída, atos de desobediência civil, negociações etc.) até as pressões

indiretas. Na atualidade, os principais movimentos sociais atuam por meio de redes sociais, locais, regionais, nacionais e internacionais ou transnacionais, e utilizam-se muito dos novos meios de comunicação e informação, como a internet. Por isso, exercitam o que Habermas denominou de o agir comunicativo. A criação e o desenvolvimento de novos saberes, na atualidade, são também produtos dessa comunicabilidade. (GOHN, 2011, p. 4)

Nesse contexto, pude perceber que os movimentos sociais na Ilha de Deus contribuíram significativamente para a organização e melhorias na qualidade de vida. Como o próprio Saber Viver, uma ONG que atua para ministrar diversas atividades educativas para crianças, jovens e cursos profissionais para os adultos, possibilitando assim meios de geração de renda. Assim como o Caranguejo Uçá, um movimento sociocultural da ilha que atua em diversos sentidos e inclusive na construção da Rádio Boca da Ilha, que além de música também traz importantes informações para a população local e denúncias dos ataques ambientais que a ilha e seus pares sofrem. Suas ações sempre voltadas para o debate político visando a melhoria para a população local.

Importante lembrar que este viés dos movimentos sociais é muito importante na agroecologia, pois dialoga com os diversos movimentos sociais como o Movimento dos/as Trabalhadores/as Rurais Sem-Terra (MST), Movimento dos/as Trabalhadores/as Sem-Teto (MTST) e a Comissão Pastoral da Terra (CPT) e diversos outros que trazem lutas e questionamentos muito importantes para a agroecologia como a reforma agrária e a luta pela segurança alimentar.

Outro tema também estudado foi a economia solidária. Especificamente no agroecossistema de Josias no sítio Jamaquinha que eu estava analisando neste 4º período, percebi que não havia de fato uma economia solidária estritamente de acordo com o conceito.

## **7. 5º PERÍODO: AÇÃO NO AGROECOSSISTEMA**

No 5º pudemos enfim retornar às imersões presenciais após a pandemia. Fomos ao Agreste conhecer a experiência dos nossos colegas de curso, Raul e Ana.

Tivemos a oportunidade de ir até lá e foi incrível e inspirador. Pois ver de perto uma experiência de agroecologia em um local cheio de desafios naturais por ser um sítio gerido por pessoas tão jovens como Raul e Ana me encheu de esperanças para buscar uma vida coletiva em um sítio que possa ser um local de

passagem para as pessoas, que fale da agroecologia, além de um local de práticas coletivas. São diversas ações que eles desenvolvem no Sítio Alcobaça.

Lá, planejamos e agimos num Sistema Agroflorestal (SAF) forrageiro, numa área experimental escolhida por Raul e Ana e que desse para ser feito em apenas uma manhã. Ao desejo da família, o SAF forrageiro, com a inserção de algumas frutíferas como pinha, caju, umbu juntamente com palma, e feijão de porco e mucunã. Para futuramente, a família ter alguma ração para oferecer a alguma criação que eles queiram no futuro próximo, pois até então eles não tinham animais.

Eles desenvolvem diversas ações como cineclube, dia das crianças, atividades com circo e arte de rua. O São João é um evento grande lá e conta até mesmo com venda de ingressos por sites e contratação de bandas de forró pé de serra. Eles também fazem tijolos artesanais e conseguem alguma renda através disso. Eles vivem numa área muito turística devido à proximidade com os sítios arqueológicos do Vale do Catimbau (Buíque/PE) e usam isso a favor deles, através dos eventos.

Foi também no quinto período que o grupo de Recife desenvolveu atividades práticas na escola pública na comunidade do Entra pulso em Boa Viagem, exercitando a questão do agroecólogo educador. Reunimos uma turma do 6º ano que estava fazendo uma atividade eletiva de agroecologia e no jardim da escola fizemos um mutirão com as/os estudantes, limpando toda a área e implementando novas plantas em consórcio como o feijão, jerimum e milho. E plantas medicinais como a babosa, artemísia, capim santo e hortelã.

Tivemos um momento rico de troca com as crianças onde podemos falar da agroecologia na cidade e se comportar como educadores/as dentro de um espaço de educação formal. A atividade além da prática, houve a troca de saberes trazendo a importância de cada planta que estava sendo colocada naquele espaço, mas antes ouvindo a necessidade e o desejo dos/as estudantes, por cada planta naquele espaço. O senso de auto gestão também foi trabalhado nesta atividade para que a horta pudesse ser mantida por elas/eles mesmos/as com o passar do tempo.

Foi um momento de construção para o agroecólogo em formação intenso que teve uma relação com a prática, mas sem esquecer em nenhum momento o papel de educador, pensando sempre em ser dialógico explicando e ouvindo e fazendo uma construção coletiva e participativa. As metodologias dialogadas em sala.

Coincidentemente, meus trabalhos desenvolvidos na Secretaria Especial de Agricultura Urbana (SEAU) no meu estágio, estavam também se direcionando para os espaços de educação, como as escolas e creches da prefeitura do Recife. Foi neste período que comecei a implementar hortas em creches da prefeitura e CAPS (Centro de Atenção Psicossocial). E além disso no próprio Sítio Nathan Valle onde trabalho com a composteira e também levei a tecnologia da compostagem nos baldes, cuidado dos minhocários, preparação de mudas e outros projetos associados a SEAU.

Foi neste momento do quinto período que comecei a desenvolver as ações no Sítio Maracá em Aldeia. Mesmo não tendo dado certo ir para Frei Miguelinho, o anseio pelo retorno à terra e o reencontro com a natureza não fugiu de mim.

Ainda que existisse possibilidades de desenvolver agroecologia na cidade e quem sabe trazer algumas contribuições, preferi continuar na ideia que a agroecologia que pretendo para mim não é apenas para mim, mas para minha família também. Então, estávamos tentando adaptar a ideia a um local que tivesse um melhor acesso à água e que de certa forma ainda ficasse perto da cidade do Recife, já que temos planos de continuar a trajetória acadêmica, assim como oportunizar melhores condições de estudo para o nosso filho, Lírio.

Dessa forma, depois de muita procura e tentativas conseguimos comprar nosso terreno em Aldeia no bairro do Borrvalho. Devido ao fato de o local ter disponibilidade de água e a proximidade com as universidades de Recife.

A compra do terreno foi feita com a ajuda dos meus pais. Logo após a compra, fomos surpreendidos com a tentativa de grilagem do nosso terreno por pessoas que me ameaçaram e essa situação me deixou abalado emocionalmente. Essa prática da grilagem estava sendo muito estimulada pelo então governo Bolsonaro, sendo uma prática comum em Aldeia inclusive feita por famílias influentes da região.

Por fim, a situação foi resolvida porque eles viram que o terreno que compramos tinha escritura e que tínhamos comprado do dono verdadeiro, com tudo passado no papel, cartório, e toda papelada e burocracia envolvida.

E não começamos a construir logo em seguida, mas neste momento do 5º período eu comecei a usar algumas DRP no meu território que iria viver com a minha família. Passei a pôr em prática o que estava aprendendo na universidade para alcançar os meus objetivos agroecológicos.

Identifiquei as fortalezas e as fraquezas do território em Aldeia. As fortalezas são a biodiversidade incrível e a disponibilidade de água potável e mineral disponível nos lençóis freáticos da região. O território tem um potencial local para ter uma horta diversa, integrando com uma pequena criação de galinhas, aquaponia e criação de abelhas.

Também no quinto período foi um momento que fiz um inventário das plantas no território de Aldeia. E paulatinamente a criação de um SAF (sistema agroflorestal), fazendo todo sentido pois já é um local de mata atlântica, diante da real possibilidade de ver acontecer a produção de alimentos saudáveis em uma área de floresta sem a necessidade de desmatar a área para obter maior produtividade.

O solo do local, ainda que rico em matéria orgânica formando serapilheiras é muito compactado precisando também de um trabalho de regeneração

Um dos temas trabalhados neste quinto período foi o manejo dos sistemas agroflorestais.

As fraquezas seriam o terreno em declive pois exige um manejo do solo específico e um trabalho aplicado de curvas de nível para conseguir obter o resultado desejado.

Também neste quinto período comecei o plantio de frutíferas e mudas nativas: cacau, ipê rosa e ipê roxo, jagube, jacarandá mimoso e xixá. De frutíferas plantei pinha, acerola, coité e sapoti.

Então eu e minha família estamos em todo este período passando pela tão falada no curso transição agroecológica, que segundo Caporal (2020):

A transição agroecológica, portanto, é um processo multilinear, social e ecologicamente determinado, que não poderá ter um fim, uma vez que as formas de manejo e as formas organizativas serão dinâmicas ao longo do tempo. Logo, a transição tem que ser entendida com um processo permanente que, inclusive, vai continuar de geração em geração, com as adaptações e redesenhos que se fizerem necessários em cada momento (CAPORAL, 2020, p:10).

Dessa maneira reflito através de Caporal (2020) que estamos neste processo de transição agroecológica que é dinâmico e ao mesmo tempo permanente, e que se transforma a cada nova geração. Tive que fazer muitos redesenhos e sinto que meu território está em constante movimento. Me adapto às oportunidades e as condições, mas sempre buscando esse reencontro ancestral e esta relação com a

terra. Sinto algo como a música o Lamento Sertanejo de Gilberto Gil: “eu quase que não consigo ficar na cidade, sem viver contrariado.”

## **8. 6º PERÍODO: IMERSÃO PRESENCIAL AO SERTÃO DO PAJEÚ E NO SERTÃO DE ARARIPE**

No 6º período tivemos a oportunidade de ter a imersão presencial no sertão de Pajeú e no sertão de Araripe de Pernambuco. Me chamou muita atenção a cidade de Triunfo, gostei muito do local, uma cidade muito aconchegante e com um clima muito agradável. O que mais me chamou atenção em termos de experiência agroecológica foi a de Lena e Barrim, no município de Ouricuri-PE. Ver como eles se organizam e seu conhecimento sobre agroecologia. Os temas trabalhados neste semestre foram Recursos Florestais/Silvicultura, Águas e Poluição, Sistematização de Experiências e Libras.

Na imersão presencial no sertão em Ouricuri, fomos conhecer a experiência de Lena e Barrim, subdivididos em grupos de trabalho: compostagem, preparação de canteiros, podas, relação com os animais. Durante o trabalho o próprio Barrim foi conversando e falando da importância das podas e que para ele podar a planta além de trazer uma renovação e melhor desenvolver a planta e com seu desbaste alimentar o solo com biomassa. Os sistemas da propriedade estão integrados. Vimos o sistema agroflorestal integrado com os animais na propriedade.

No centro do Sistema se encontram algumas fruteiras com linhas de palma consorciado com capim, com moringa, com leucena e gliricídia e uma diversidade de culturas. Atualmente tem plantada mais 50 espécies diferentes. Adubadeiras, forrageiras e plantas medicinais.

O primeiro Sistema da propriedade foi palma consorciada com capim elefante. Em frente a essa área se encontrava o pomar com diversidade de frutíferas: Acerola, limão, goiaba, manga, pitanga, seriguela e umbu-cajá. Outra parte do SAF fazia um consórcio com canteiros de hortas. Fazem cobertura com algumas plantas como chuchu e maracujá para diminuir a irradiação solar. Diversidade de culturas como cebolinha, coentro, cenoura e beterraba. Árvores como leucena e gliricídia e na parte mais baixa como palma e capim, com consórcio com frutíferas como umbu, cajá, seriguela, numa combinação que consorcia alimento para a família, alimento para os animais alimento para o solo.



Todo esse manejo é feito com a água da cisterna de enxurrada de 52 mil litros, principal fonte de água, e a água vinda do barreiro. Ter uma cisterna de enxurrada foi o que possibilitou a família a sonhar com o que hoje está se realizando com uma diversidade produtiva, integração animal vegetal e permanência da família na terra. A má distribuição de chuvas na região impede as famílias de se programar e contar com os ciclos climáticos para sua produção. É quase impossível, fazer o que ela e eles estão fazendo sem tecnologias sociais que possibilitem a autonomia hídrica. A reutilização das águas cinzas também foi outro ponto que merece destaque nesse processo.

Os canteiros são preparados com a própria compostagem feita no sítio onde maneja o local de forma a revolver a terra e também do entorno desse canteiro deixando a área limpa para esse canteiro que irá se iniciar. A compostagem é rica em nutrientes, feita a base de esterco de galinha e bovino, com capina de plantas como leucena e gliricídia e também o uso da pena de galinha.

A integração animal vegetal foi destaque. Aves de postura são alimentadas também com folha de mandioca tiradas do SAF, milho plantado na propriedade e palma desidratada para as galinhas, criando autonomia e diminuindo drasticamente a dependência de insumos externos.

Neste período intensifiquei meus olhares para o Sítio Maracá em Aldeia. Mesmo sem a condição financeira e ainda com o psicológico um pouco abalado diante de algumas dificuldades surgidas no caminho, não deixei de pensar e sonhar a vida campesina. A possibilidade de estar em contato com a produção de mudas florestais me encheu de vontade de entender mais o assunto, pois a silvicultura é uma das minhas possibilidades de renda no meu sítio.

A floresta, devido a sua imensa capacidade de regeneração, acaba sendo o berço natural de diversas espécies que nascem espontaneamente, pelas sementes que caem das árvores ou pelos animais que dissipam sementes. Produzir mudas no viveiro, nativas de mata atlântica é um dos meus objetivos estando definitivamente no Sítio Maracá. Pois lá, nos meus estudos já identifiquei no entorno árvores como mogno, pau brasil, jequitibá, ipê branco, possibilitando assim o início de estudo na incidência de propagação dessas plantas em seu habitat natural.

Das metodologias trabalhadas pelo curso no 6º período destaco as cartas pedagógicas e os mapas mentais. “As cartas pedagógicas tratam-se de um importante instrumento de escrita e reflexão, dando-nos a possibilidade de alterar

planos e rever estratégias, num tempo-espaço de registo que nos permite avaliar aspectos fundamentais do processo de ensino-aprendizagem.” (DOTTA; GARCIA, 2022, p. 73)

A carta pedagógica foi importante porque eu pude mergulhar em tudo o que eu havia feito no território de Josias e através dos estudos nos temas do conhecimento camponês e da racionalidade camponesa, foi quando tive a certeza que meu eu camponês, mesmo sendo eu nascido e criado e morando numa cidade como Recife, nunca deixou de existir.

Pois vi em Josias, os traços camponeses que também percebi quando conheci as/os agricultoras/es nas visitas de campo/imersões. Foi como se as peças estivessem se encaixando para mim naquele momento e dando sentido aos meus esforços até então.

Utilizei a amorosidade que Paulo Freire traz como prerrogativa quando o sujeito se presta ao papel de educador. Amorosidade foi o que senti quando pude escrever e relembrar tudo o que vivi naquele território com a família do aquicultor familiar e a disposição em aprender deixaram marcas que muito me ensinaram para o resto da minha trajetória.

Foi também no sexto período que comecei a integrar a Escola de Música Naná Vasconcelos e o coro universitário e pude aproveitar todas as instâncias que a universidade proporciona. E a música sempre esteve presente na minha vida, tive várias bandas e toco diversos instrumentos, todos eles, aprendi de forma autodidata.

Eu sou músico desde os 18 anos e já tive banda autoral e já lancei três e.ps e eu pude agregar toda essa bandagem musical à agroecologia que dialoga com as diversas expressões culturais. Sempre nossas aulas eram regadas a música dentre outras manifestações culturais

E desde então tem sido uma experiência incrível, houveram diversas apresentações dentro e fora da Universidade como na aula magna, congresso de acessibilidade, seminário do doutorado em agroecologia, apresentações regionais como São João da PROEXC, apresentação do dia da consciência negra, e as apresentações institucionais de fim de ano como a cantata natalina no salão nobre da UFRPE. Nas quais pude me apresentar como baixista. E além disso, me apresentado também cantando no coro universitário, uma experiência como nunca tive antes.

## 9. 7º PERÍODO: IMERSÃO PRESENCIAL EM RECIFE

No 7º período tivemos a oportunidade de realizar a imersão em Recife, meu atual território em que pudemos visitar as experiências da Ilha de Deus, onde eu já estava desenvolvendo trabalhos e pude ler a carta pedagógica que escrevi para a minha turma junto com Josias. Foi um momento muito especial para mim ter todas aquelas pessoas, estudantes e professoras/es no território de Josias, que me adotou de forma determinante na minha trajetória.

Estávamos na cidade do Recife, dentro de uma área de mangue e pude apresentar aos colegas de curso a família de Josias que vive da criação de camarão e que carrega consigo, de forma muito declarada, a ancestralidade no seu modo de pensar e de agir. A turma comeu um delicioso bobó de camarão feito por Katusha, a esposa de Josias.

As experiências que foram vivenciadas na imersão puderam confirmar o que já vinha se desenhando nos períodos com o chamado grupo de Recife: experiências bem desenvolvidas e cada um no seu modo fazendo a diferença, se portando como estudante e educador nos territórios em que cada estudante atuou.

Como no Alto José do Pinho, onde o estudante Gilberto Nunes tem atuado de forma marcante em sua comunidade aprendendo e repassando os aprendizados sobre agroecologia e firmando parcerias importantes como a feita com o SERTA, possibilitando participar de projetos como o Vida Saudável no Morros, o qual pudemos ver na comunidade o quanto tem sido benéfico para as pessoas da comunidade.

E além disso, conhecer as experiências na Entra a pulso, com o coletivo Chié do Entra e sua produção dentre outras atividades de sabão ecológico feito com a coleta do óleo usado pela comunidade.

O coletivo tem feito um trabalho super importante com a comunidade local através da agroecologia urbana, tendo um impacto direto da melhoria da qualidade de vida das pessoas através da implementação de hortas e jardins comunitários com vários tipos de plantas, inclusive medicinais. E também fazem um trabalho de repensar o lixo na comunidade com trabalhos de compostagem e de descarte em locais adequados, com pontos de coleta deste lixo. Pensar que mesmo sem quintal de terra para plantar, as pessoas usam os recursos que possuem para ter uma experiência agroecológica e os benefícios que elas conseguem ter com essas

práticas. Além das parcerias com o Shopping Recife na criação dos jardins que ficam nos arredores do mesmo.

No sétimo período pude participar da 80ª feira de agropecuária no parque de exposição de animais do stand da UFRPE/Pró-reitoria de Extensão, Cultura e Cidadania (PROEXC). A minha participação na feira da PROEXC uniu duas coisas: o estágio e minha participação da extensão tanto na escola de música Naná Vasconcelos quanto no coro universitário. O coro se apresentou na exposição e eu participei como baixista e além disso trabalhei todos os outros dias da feira, no estande da PROEXC que trazia os experimentos de compostagem. No sétimo período também tive o nosso momento de estágio obrigatório, ESO 1. Como nosso curso de agroecologia, sempre foi muito aberto para trabalhar com as diversas linguagens de comunicação e anteriormente eu já mexia com vídeos e gostava muito de editar.

Então, quando recebemos o chamado da coordenação do curso, para sempre estarmos atentos aos registros audiovisuais, percebi aquilo como uma oportunidade de criar uma linha do tempo documental, através dos registros da minha câmera, pois sabia da importância e do momento único que estavam vivendo. E vale ressaltar que eu estava sempre registrando tudo, a todo momento, mesmo quando isso era considerado muitas vezes um inconveniente.

Os registros foram feitos em sua maioria nas imersões, viagem de campo, que sempre aconteciam no início dos semestres. Esses registros da vida camponesa com suas conquistas e desafios que encontramos nos agrestes e nos sertões, no Recife e na sua região metropolitana, criaram um arquivo pessoal e do curso que em algum momento teria que ser trabalhado em prol da divulgação do processo da agroecologia dentro da Universidade Federal Rural de Pernambuco.

Desta forma, escolhi a Rádio WEB Agroecologia que fica dentro do Departamento de Educação e criada pelo NAC, Núcleo de Agroecologia e Campesinato, uma das pedras fundamentais do nosso curso. Desta forma, comecei a trabalhar nos vídeos dentro da rádio juntamente com Eliezer e Alana, equipe técnica da rádio.

E decidimos trabalhar em alguns vídeos juntamente com uma sessão de entrevistas de pessoas do nosso curso que tivessem vivenciado experiências agroecológicas em seus respectivos territórios, criando-se um programa ou podcast

onde falamos da importância das imersões no nosso curso e da comunicação audiovisual para a agroecologia.

“Ademais, é grande a frequência com que ocorre a troca de paradigmas nos tempos atuais. Isso requer grande habilidade comunicativa, até porque a comunicação passou a ser considerada o “combustível” do século XXI” (FIGUEIREDO e GIANGRANDE, 1999, p.40).

## **10. 8º PERÍODO: IMERSÃO NO SERTÃO DE SÃO FRANCISCO E NO SERTÃO DE CRATEÚS E EQUIPARAÇÃO DE ESTÁGIO ESO 2**

No oitavo período tivemos a imersão presencial ao sertão do São Francisco e ao sertão de Crateús. Destaco a imersão presencial a EFA (Escola Família Agrícola Dom Frágoso), localizada em Independência, no Sertão de Crateús no Ceará. Na qual ele explicita que além da retomada da terra, é um direcionamento da EFA o reencantamento dos jovens e a construção de novas formas de fazer agricultura diferente da vivenciada pelos pais dos estudantes, visto o longo processo de depredação da terra e de exploração vivenciada pelas/os trabalhadoras/es rurais de gerações não tão distantes nesta região.

Esta relação predatória com a terra foi desde a destruição da caatinga para criação de gado bovino, à destruição das matas para plantação de algodão e produção de pastagem.

Além disso, poucas eram as terras disponíveis para desenvolvimento de outros tipos de agricultura, ao passo que só se plantavam culturas externas como a roça de sequeiro de milho e feijão pouco resistentes às condições locais e que constantemente eram desfeitas pelos donos das terras, restando apenas para muitos camponeses, os espaços dos quintais das casas para plantar seu alimento.

Esse espaço, foi em sua totalidade desenvolvido, organizado e vivenciado pelas mulheres, que com uma cultura diversificada de frutos, plantas medicinais e hortaliças permitiram em alguma medida a permanência de muitas famílias no campo e a proposição de outra agricultura, mais ligada à natureza, abrindo portas para outras lutas coletivas como o acesso à políticas públicas.

Nos integramos na rotina da escola, vimos as diversas tecnologias sociais implementadas no local.

A formação construída pela EFA busca em sua grade curricular ajudar o aluno não só a compreender sua comunidade e sua identidade, perpassando pela historicidade local, mas também o território onde ele está inserido e quais as potencialidades e limitações no que diz respeito à agrobiodiversidade. De maneira que ao conhecer, possam se estudar e construir novas tecnologias, ferramentas e conhecimentos que deem cabo de manejar os etnoagroecossistemas das famílias fomentando a convivência com o semiárido.

Também tivemos a oportunidade de conhecer a casa das nossas companheiras do curso, tão fortes como Jaislânia Araújo, na qual fomos recebidos com um banquete mostrando toda a fartura do campo. E também tivemos a oportunidade de conhecer a casa da minha comadre Soraya. Tivemos a atividade do cineclube, onde ela e suas irmãs exibiram um filme produzido pelo coletivo Arteando sobre as atividades de mineração que estão acontecendo em seu território.

Também visitamos o território onde vive Caroline Alves, ainda em Pernambuco, em Santa Maria da Boa Vista, onde pudemos ver a ancestralidade quilombola na sua comunidade Inhanhum. Conhecemos toda a família dela, com pai, mãe e sobrinhos, pessoas fortes e camponeses fortes, que viram sua filha, a primeira da família a ingressar em uma universidade pública e trazer bons frutos e conhecimento para sua comunidade.

Durante o curso, uma das questões que mais me impactaram foi a grandiosidade das mulheres do curso sobretudo as dos sertões, pois extremamente inteligentes, bem articuladas e sempre deram show nas culminâncias (mas não só nesses momentos), nas místicas, nas falas, nas imersões, inventando e reinventando novas formas, ainda mais criativas de se expressar através da diversidade de expressões artísticas que a agroecologia dialoga.

As jovens mulheres dos sertões Soraya Araújo, Sabrina Araújo, Íris Maria, Jaislânia Araújo, Tatiane Faustino, Samara Santana e Caroline Alves são resilientes, independentes, ativas, focadas nos trabalhos da universidade, no seu envolvimento com a agroecologia, militantes, porta voz de causas em seus territórios, líderes e com certeza são inspiração para novas gerações. Mulheres que levaram e trouxeram reflexões para os colegas de curso, para reverem seus posicionamentos machistas.

Um dos temas trabalhados pelo curso foi o feminismo, e pensar que sem feminismo não há agroecologia, me faz refletir sobre a minha história de vida,

minhas relações com a minha mãe, minhas irmãs, minha companheira e minhas colegas de curso.

Eu vi e ainda vejo na minha família a questão da divisão sexual do trabalho. Minha mãe teve 5 filhos e deixou de trabalhar fora para cuidar da casa e dos filhos exclusivamente enquanto meu pai trabalhava fora e trazia o dinheiro. Mesmo tendo magistério e tendo trabalhado um tempo como professora da educação infantil em São Paulo. Mas precisou sair devido a não ter com quem deixar os filhos.

Ainda hoje se reproduz a mesma divisão, e ainda vejo minha mãe sobrecarregada e cansada com o trabalho doméstico enquanto meu pai trabalha fora. Ela não fala muito sobre isso, acredito porque não queria culpabilizar os filhos.

Mas em alguns momentos ela já mencionou que sente falta de não ter tido a possibilidade de ter feito curso superior, ter tido sua carreira, e ter seu próprio dinheiro e não depender do meu pai. O trabalho doméstico infelizmente ainda é invisibilizado, não remunerado e não reconhecido, é um trabalho que paralisa a mulher pois ele nunca acaba.

Desta maneira, relaciono o trabalho de cuidado que minha mãe desempenhou que é invisibilizado e desempenha ainda na sua vida, com um trecho de Taciana Gouveia (2003):

As mulheres não são invisíveis, elas não são vistas no sentido de seu reconhecimento como sujeitos ativos dos processos produtivos. Longe de ser um mero jogo de palavras, atribuir aos outros a incapacidade de enxergar as mulheres muda o sentido da compreensão da realidade e, conseqüentemente, das estratégias para a superação das desigualdades. Não são as mulheres que se ocultam, são as relações de dominação patriarcal que lhes atribuem um lugar menor. (GOUVEIA, 2003, p. 45 apud PORTELA; 2004, P. 9) )

Minha mãe fez questão de oportunizar as possibilidades de estudo e trabalho para as minhas irmãs, tanto que tenho duas irmãs médicas e uma irmã concursada formada em direito, são para ela um grande orgulho.

Eu ainda preciso sinceramente trabalhar várias questões internas comigo mesmo para parar de reproduzir o machismo que consciente ou inconscientemente eu ainda reproduzo. Passei por diversas situações as quais não me orgulho. No curso de agroecologia, eu pude entender melhor os conceitos que antes eu tinha muito preconceito e tento aplicar na minha vida e na minha família.

Neste 8º período foi o momento do estágio obrigatório 2. Diante de um momento muito apertado de atividades e das divisões de trabalho da minha família, preferi equiparar o trabalho que já estava desenvolvendo na secretaria de agricultura urbana com algumas das minhas principais atividades que já desempenhei no local.

No Sítio Nathan Valle, desenvolvi práticas de agroecologia urbana, como desenvolvimento de composteiras domésticas, criação e manutenção de um minhocário, criação de mudas e em especial visitas às escolas municipais da cidade para criação de hortas com o viés pedagógico.

Um desses projetos associados é a participação da SEAU na Viva Guararapes onde levamos mudas e explicamos de forma educativa questões relacionadas à agroecologia. Foram muitos aprendizados e sobretudo a questão das relações sociais no ambiente de trabalho.

Apesar de já ter desenvolvido diversas tarefas como criação de mudas a partir de sementes, clones de mudas por estaquia, alporquia para instalação ou manutenção das hortas que a SEAU instala, foi na compostagem que vi de fato as maiores possibilidades de trabalho, uma vez que participei de um projeto experimental realizado pela Empresa Brasileira de Pesquisa Agropecuária (EMBRAPA) em 2023, que atuei durante uma semana nas feiras e mercados do Recife fazendo a gravimetria dos resíduos sólidos que eram produzidos pela feira.

A partir desta experiência de quantificar o que era desperdiçado pela feira, pude perceber uma oportunidade valiosa naquele “lixo” pois a agroecologia se preocupa muito com a destinação dos resíduos sólidos e todo aquele resíduo orgânico poderia ser aproveitado para compostagem ou até mesmo reaproveitado para consumo humano. Essa foi uma constatação que tive no término desta ação.

Como diz Ana Primavesi: “O solo é o alfa e o ômega, o início e o fim de tudo” (PRIMAVESI, 2009, p. 5). “O que é material no homem, ou seja, seu corpo, é feito de minerais que vem da terra e volta a ser terra” (PRIMAVESI, 2009, P. 6).

Então poder estar tendo esta experiência de estágio me dá esperanças de uma futura contratação seja na SEAU ou em outros locais destinados à agroecologia. Agora com um currículo recheado de experiências acadêmicas e profissionais.



## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Quem sou eu hoje? como agroecólogo educador? Quando entrei no curso de agroecologia, eu estava inundado pela forma de pensar baseada no sonho, eu era estritamente um sonhador. Quando conheci a agroecologia e sua potência para modificar a realidade de locais como o semiárido, sonhei com a real possibilidade de vivenciar isso tudo no Sítio Maracajá. Eu era estritamente um sonhador.

Hoje, depois de tantos caminhos percorridos, depois de tantas paisagens, experiências de vida encontradas pelo caminho, proporcionadas pelo nosso curso, tenho a felicidade de dizer que ainda sim sou um sonhador. Porém, hoje eu não apenas sonho, como também ajo. Sou o agroecólogo que diante das dificuldades de poder acessar a terra ancestral no agreste do estado, e assim viver o sonho agroecólogo, agiu para, senão estar na terra ancestral, buscar as práticas ancestrais. Desta forma, não perder o elo com o que me leva até a agroecologia, que é o modo de vida respeitoso e solene diante da natureza.

Sou o agroecólogo que ao mesmo tempo que adormece com o sonho de uma vida pacata e tranquila em seu sítio repleto de diversidade e trabalho coletivo, junto com amigos e família, mas sou também o agroecólogo que pedala 7 km para ir e 7km para voltar pela manhã, em meio ao caótico trânsito do Recife para praticar agricultura urbana, aprender compostagem. Aprender e ensinar agroecologia nos diversos espaços que em minha área de atuação, juntamente com a Secretaria de Agricultura Urbana, me permite.

Um agroecólogo que se sente muito mais resiliente diante de todas as experiências vividas nos territórios, das imersões e pelo que foi aprendido com meus/minhas colegas de curso e seus exemplos de vida, tendo os/as amigas/os de conclusão de curso como um exemplo perene por suas trajetórias na agroecologia.

Acredito que o período de estágio foi o principal vagão na minha formação profissional me dando hoje um real horizonte para trabalhar como agroecólogo. Destaco aqui a participação no atual momento de um projeto que está sendo colocado em prática na cidade do Recife ainda em caráter experimental, mas que visa replicar experiências já bem sucedidas em outras cidades como Curitiba/Paraná, Florianópolis/Santa Catarina que é a destinação de 100% dos

resíduos orgânicos das feiras da cidade. O que pode ser aproveitado ainda, após triagem por equipe capacitada, será destinado a bancos de alimentos, que farão entregas até as famílias que precisam.

E todo o restante coletado, que não serve para consumo humano, será destinado para as composteiras a fim de se obter um substrato rico em nutrientes e que possam promover de forma eficiente a produção de novos alimentos criando assim um ciclo sustentável e mitigando em parte a fome de algumas pessoas e também a contaminação exagerada do solo, causada pelo descarte inadequado destes resíduos.

Chego no oitavo período do curso, completamente envolto neste projeto que já me sinaliza a real possibilidade de contratação efetiva. Chego na linha final, vivendo um momento profissional diferenciado, pois além do projeto que dialoga demais com a agroecologia urbana e traz valor agregado no que diz respeito à contribuição ao meio ambiente da cidade do Recife, me dando não apenas acesso a remuneração mas a uma experiência profissional que pode me abrir outras portas quando estiver de fato vivenciando a vida familiar no meu sítio. Podendo me credibilizar para participar de projetos e editais usando a minha experiência na SEAU.

Assim como vou abrindo caminho para me colocar como agroecólogo educador nessas práticas citadas, também sou o agroecólogo que especialmente nestes últimos seis meses vem construindo sua casa de morada com a família no Sítio Maracá, em Aldeia, levando os trabalhadores pela manhã ou indo buscar num revezamento compromissado junto com meu pai. E estando presente para ajudar no que for preciso ao mesmo tempo que planeja os passos futuros na propriedade, não deixando de sonhar nunca.

Antes de entrar no curso, em relação à agroecologia eu me sentia cheio de dúvidas e hoje com a mentalidade de um agroecólogo que passou por uma etapa de formação importante em seu processo, me sinto com mais dúvidas ainda. Porém, a busca incessante pelo conhecimento na fonte de registros e vivências ancestrais que a agroecologia descortina aos nossos olhos, estarei no melhor caminho para encontrar as respostas.

Eu sou um agroecólogo que exerço a função de educador a todo instante com meu filho Lírio e que pôde adentrar nas escolas municipais da cidade do Recife e estar no universo da educação formal que ainda conserva traços de uma

educação não tão acessível para grande parte da população, mas que mesmo diante disso, conseguimos falar de uma educação que possa sair da sala de aula e que possa ser mais intuitiva do que bancária.

Me formo agroecólogo também com o sentimento de querer explorar mais esta área de atuação dentro dos espaços escolares, de tornar pauta fundamental a agroecologia, em todos os níveis de ensino da escola formal. A educação não formal estará presente na construção dos conhecimentos da agroecologia, adquiridos por mim através das diversas manifestações culturais, como teatro e audiovisual, a fim de atingir um máximo de pessoas através da juventude agroecológica.

Gostaria de terminar por fim com uma citação de Rubens Alves (2002): “a educação acontece enquanto as pessoas vão mudando, para não que nunca deixem de mudar. Se as pessoas estivessem prontas, não haveria lugar para a educação. O educador ajuda os outros a irem mudando no tempo.” Chego no final do curso, com a sensação de que faço parte de um processo de mudança constante e que me reconheço como um constante aprendiz, mas também consigo me enxergar com o devido valor que os conhecimentos e os trabalhos profissionais me trouxeram nesta pequena trajetória.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- CAPORAL, Francisco Roberto. Transição agroecológica e o papel da extensão rural. *Extensão Rural*, DEAER – CCR – UFSM, Santa Maria, v.27, n.3, jul./set. 2020
- DOTTA, Carla Luz Salaibb; GARCIA, Elisete Enir Bernardi. Cartas pedagógicas: uma inspiração freireana. **Rev. Reflex**, Santa Cruz do Sul, v. 30, n. 1, p. 69-84, jan. 2022. Disponível em <[http://educa.fcc.org.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S1982-99492022000100069&lng=pt&nrm=iso](http://educa.fcc.org.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1982-99492022000100069&lng=pt&nrm=iso)>.
- FIGUEIREDO, José Carlos; GIANGRANDE, Vera. **Comunicação sem fronteiras**. Brasília: Editora Gente, 1999.
- GOHN, Maria Gloria de. Movimentos sociais na contemporaneidade. *Revista Brasileira de Educação* v. 16 n. 47 maio-ago. 2011.
- Gouveia, Taciana. (2003). Muito Trabalho e Nenhum Poder Marcam as Vidas das Agricultoras. In: Observatório da Cidadania. Relatório 2003. Rio de Janeiro. Observatório da Cidadania. In: PORTELLA, Ana Paula. Mulher e trabalho na agricultura familiar. Recife: SOS CORPO - Gênero e cidadania, 2004.
- MIRANDA, Carlos; COSTA, Cristina. Gestão Social do Território: Experiências nos Estado do Maranhão. Brasília, II CA.2005. In LASCHEFSKI, Klemens A. ZANELLI, Fabrício Vassalli. Agroecologia e construção de territorialidades: um estudo sobre a criação da escola família agrícola Puris de Araponga – MG. Anais XVI Encontro Nacional dos Geógrafos: crise práxis e autonomia, espaços de resistência e autonomia, espaços de diálogo e práxis. ENG 2010.
- PRIMAVESI, Ana Maria. Cartilha do solo como reconhecer e sanar seus problemas. São Paulo: MST, 2009.
- PLOEG, J. D. van der. Camponeses e impérios alimentares: lutas por autonomia e sustentabilidade na era da globalização. Porto Alegre: UFRGS, 2008. In STRAUCH, Guilherme. Agroecologia e recampesinação: reflexões a partir da comunidade de Vieira no município de Teresópolis, RJ. Resumos do VI CBA e II CLAA. *Rev. Bras. De Agroecologia/nov.* 2009 Vol. 4 No. 2.
- SEVILLA GUZMÁN, E. El desarrollo rural de la “otra modernidad”: elementos para recampenizar a agricultura desde la Agroecología. In: STRAUCH, Guilherme.

Agroecologia e recampesinação: reflexões a partir da comunidade de Vieira no município de Teresópolis, RJ. Resumos do VI CBA e II CLAA. Rev. Bras. De Agroecologia/nov. 2009 Vol. 4 No. 2.

TAVARES, Jorge Roberto. Camponês caranguejo. (Texto Didático – BACEP/UFRPE).

TOLEDO, Víctor Manuel. Campesinidad, agroindustrialidad, sostenibilidad: los fundamentos ecológicos e históricos del desarrollo rural. Cuadernos de trabajo 3, p. 1-45. México: Grupo Interamericano para el Desarrollo Sostenible de la Agricultura y los Recursos Naturales, 1995.

VERDEJO, Miguel. **DRP: Diagnóstico Rural Participativo**. Brasília: Gráfica de Ascar, 2006.

WANDERLEY, Maria de Nazareth de Baudel. O campesinato brasileiro: uma história de resistência. **RESR**, Piracicaba-SP, Vol. 52, Supl. 1, p. S025-S044, 2014 – Impressa em fevereiro de 2015.